

Gramsci e a questão meridional

MARCIA HELENA DOMINGUES CAMARGO*

Resumo

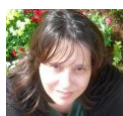
Este artigo tem como foco a análise de Gramsci sobre a “Questão Meridional” na Itália. Este termo não foi cunhado por Gramsci, muito menos a problemática desta condição: a parte norte da Itália desenvolvida industrialmente e a parte sul era predominantemente camponesa. Seus estudos sobre esta situação buscavam encontrar uma hegemonia entre os trabalhadores através da aliança entre os camponeses do sul e o proletariado do Norte.

Palavras-chave: Gramsci; Questão Meridional; Proletários e camponeses; Itália.

Abstract

This article focuses on Gramsci's analysis of the "Southern Question" in Italy. This term was not coined by Gramsci, let alone the problems of this condition: the northern part of Italy developed industrially and the southern part was predominantly peasant. His studies on this situation sought to find a hegemony among workers through the alliance between the southern peasants and the proletariat North.

Key words: Gramsci; Southern Question; Proletarians and peasants; Italy.



* **MARCIA HELENA DOMINGUES CAMARGO** é mestranda em Ciência Sociais pela Unesp – Marília.



Giuseppe Pellizza da Volpedo - Il quarto stato (spiegato ai truzzi)

Introdução

Antonio Gramsci nasceu em 23 de janeiro de 1891 na Sardenha, na província de Cagliari, uma das regiões mais pobres da ilha. Originário de uma família humilde e com graves problemas de saúde desde sua infância, Gramsci dedica-se aos estudos e, com isso, consegue uma bolsa para estudar literatura na Universidade de Turim (CARPEAUX, 2014).

Gramsci entra para o PSI em 1915, e em 1919 funda o jornal *L'Ordine Nuovo*. Entrando em discordância com os rumos do Partido Socialista, funda junto a outros companheiros, o Partido Comunista Italiano – PCI, em 1921. Torna-se o primeiro Secretário-Geral do partido na Itália. Em 1922 viaja à União Soviética como representante do PCI. Afinado com as ideias dos bolcheviques, em especial Lenin, Gramsci tenta transpor para a Itália a questão das alianças entre camponeses e proletários. Não que essas ideias fossem originárias em Lenin, mas observou com entusiasmo que este seria o caminho que a URSS tomaria para a

emancipação dos oprimidos. Sabia, mais que ninguém, que cada hegemonia deveria ser construída conforme as condições particulares de cada povo e não como um manual que se deva seguir “a risca”.

Gramsci constrói na essência de sua obra uma grande análise que serviria muito mais para demonstrar como organizar as classes subalternas (DEL ROIO, 1998) para a revolução socialista internacional. Suas análises se afastam do que estaria associado ao termo “marxismo ocidental” que, segundo Del Roio (1998, p.104), trata-se de um “[...] marxismo [...] relativamente dissociado do movimento operário e da política socialista e mais preocupado com temas da filosofia e da cultura [...]”. Não que Gramsci não contribuísse nas questões teóricas, filosóficas e culturais (pois descreve muitos fatos e acontecimentos, demonstrando, vivenciando, analisando e tecendo suas conclusões), ele rompe justamente com a corrente positivista do marxismo que encontra no PSI. Talvez por compreender as questões filosóficas, ele vá ao cerne da questão e

fique na ala radical do PSI, antes de fundar o PCI.

Mas é no período onde se encontra encarcerado, e com todas as circunstâncias implicadas a esta condição, que ele elabora numa questão mais específica sobre a Itália, e chama atenção para as particularidades de uma revolução italiana. Gramsci tende a direcionar mais para as ações práticas do que às especulações filosóficas. Não havia tempo ou espaço a perder.

As análises de Gramsci que vamos tratar aqui estão centradas naquilo que é chamado de “questão meridional” (*Alguns temas da questão meridional* – Gramsci, 2006), um conjunto de escritos organizado por Gramsci antes de sua prisão, e sobre os quais ele tende a aperfeiçoar durante os anos de cárcere.

Contexto econômico da Itália de Gramsci

A Itália de 1900 ficava às margens das potências industrializadas da Europa. Sua força de trabalho concentrava-se nas áreas rurais e apenas 24% estava direcionada às atividades artesanais, manufatureiras e industriais (MAESTRI e CANDEVRA, 2001).

Desta porcentagem, quase o seu total encontrava-se no Norte na Itália, como afirma Maestri e Candevra:

Desde o início do século 20, a Lombardia, o Piemonte e a Emília-Romana concentravam a produção industrial de uma Itália essencialmente rural e agrícola. No Noroeste, o antigo reino do Piemonte, coração da unificação da Itália, realizada de 1861 a 1870, região tradicionalmente ligada à França, longe dos principais centros culturais italianos, como Veneza, Florença e Roma, assumira características mais e mais fabris, sem perder seu caráter culturalmente provincial. Nos

primeiros anos do século, Turim, Milão, Gênova tornam-se os três vértices do “triângulo industrial” do Norte italiano. (2001, p. 36)

Estabeleceu-se, então, um cenário propício para a divisão de dois grandes grupos de trabalhadores: os proletários do Norte e os camponeses do Sul. O fenômeno é tratado na Itália por “questão meridional”, onde o Norte era desenvolvido industrialmente e o Sul era considerado “atrasado”, por ter em sua base econômica, a agricultura.

A questão desta diferença aparece em Gramsci (2006) num ensaio realizado antes de sua prisão, chamado “*Alguns Temas da Questão Meridional*”. Gramsci responde às críticas feitas pela revista *Quarto Stato* à solução proposta pelos comunistas para dar início à resolução do problema dos camponeses do Sul.

A revista *Quarto Stato* sugeriu que a proposta dos comunistas de Turim, que editavam o jornal *L'Ordine Nuovo*, fosse uma “fórmula mágica”, a qual Gramsci rebateu:

E no entanto éramos a favor da fórmula bem realista e nada “mágica” da terra aos camponeses; mas pretendíamos que ela fosse enquadrada numa ação revolucionária geral das duas classes aliadas, sob a direção do proletariado industrial. (2006, p.138)

Os escritores da revista *Quarto Stato* compartilhavam da ideologia dominante, incluindo o pensamento socialista tradicional, de que a questão camponesa no Sul não era relevante, já que era senso comum de que aquelas pessoas eram atrasadas e incultas por natureza.

Partindo desta visão, era estranho aos socialistas até mesmo uma possível aliança entre proletários e camponeses.

No entanto, para os comunistas turinenses, era fundamental que o proletariado apoiasse a luta do campesinato do sul contra o latifúndio, numa aliança política entre os trabalhadores da cidade e do campo. Tal aliança deveria superar a mera divisão de “terras incultas ou mal cultivadas”, para se concretizar numa parceria política, econômica e social, onde o proletariado viabilizaria a produção camponesa fornecendo a infraestrutura e tecnologia próprias para a emancipação do trabalho no campo. Não tendo o campesinato as condições materiais para se autoemancipar, era necessário, na compreensão de Gramsci, que o proletariado dirigisse a organização político-econômica camponesa:

[...] impondo o controle operário sobre a indústria, o proletariado orientará a indústria para a produção de máquinas agrícolas para os camponeses, de tecidos e calçados para os camponeses, de energia elétrica para os camponeses; impedirá que, mais tarde, a indústria e os bancos explorem os camponeses e os subjuguem como escravos a seus cofres. (GRAMSCI, 2006, p.137)

Deste modo, Gramsci demonstra a necessidade da união do campesinato na luta pela construção da hegemonia do proletariado. Era preciso compreender as exigências e a função política da classe para construir a transição e dar o salto organizativo para o processo revolucionário na Itália.

A questão meridional e formação da hegemonia proletária

Para Gramsci a “questão meridional” não se encerrava na conquista do campesinato pelo proletariado, mas fazia parte de sua própria educação, como classe dirigente da organização revolucionária. Era preciso

compreender a particularidade da formação histórico-cultural das “classes subalternas”, para desmontar os mecanismos de submissão construídos pela concepção de mundo das “classes dominantes”.

Na Península Itálica, por exemplo, passaram os mais diversos povos. Desde a influência grega, pelos romanos, às incursões árabes pelas ilhas do Mediterrâneo. Desde as Guerras Góticas, até a invasão dos lombardos e povos germânicos ao norte, praticamente todos os povos que navegaram pelas penínsulas do mar Mediterrâneo, passaram pela Península Itálica. As penínsulas são portas de entrada através de mares e oceanos aos continentes. A formação cultural e étnica de muitos povos da Europa apresenta, em sua grande parte, uma infinidade de riquezas e diversidades culturais, mesmo em pequenas distâncias, de um povoado para outro. A formação da Itália não foi diferente.

A formação intelectual¹ de Gramsci permitiu, de certo modo, que ele compreendesse com maior profundidade a diversidade da constituição das classes trabalhadoras no território italiano. Sua militância política, por outro lado, lhe fez perceber que as particularidades deveriam confluir para construção de uma universalidade consubstanciada na consciência dos indivíduos na luta contra as classes dominantes. Para além das diferenças das diversas línguas faladas na Itália, das diferentes raízes dos povos, das diferenças sociais e profissionais, havia uma unidade

¹ Segundo Maestri e Candreva (2007), Gramsci foi um estudioso da “Literatura italiana, Latina e Grega, Linguística, Línguas Românicas, Alemão, Geografia, História Moderna, História da Filosofia e Filosofia Teorética” (p.41), além de estudar a língua sarda.

política e econômica agravada pela exploração da burguesia latifundiária e industrial.

Nesse sentido, aponta para a formação hegemônica do proletariado que deve operar não somente na direção da estrutura econômica e organização política, mas conduzir no campo das ideias e da cultura o consenso sobre seu projeto social.

Para ser capaz de governar como classe, o proletariado deve se despojar de todo resíduo corporativo, de todo preconceito ou incrustação sindicalista [...] Significa que não só devem ser superadas as distinções existentes entre as diversas profissões, como também é necessário, para que se conquistem o consenso e a confiança dos camponeses e de algumas categorias semi-proletárias da cidade, superar alguns preconceitos e vencer certos egoísmos, que podem substituir, e substituem, na classe operária como tal, mesmo quando já desapareceram do seu seio os particularismos de profissão [...] pensar como membros de uma classe que tende a dirigir os camponeses e os intelectuais, de uma classe que só pode vencer e construir o socialismo se auxiliada e seguida pela grande maioria daqueles estratos sociais. Se não se conseguir isso, o proletariado não se torna classe dirigente e aqueles extratos, que na Itália representam a maioria da população, permanecem sobre a direção burguesa e dão ao Estado a possibilidade de resistir ao ímpeto proletário e de dobrá-lo. (GRAMSCI, 2006, p.146)

Através da “questão meridional” ele instrumentaliza a construção da hegemonia da classe, ressaltando as condições materiais para o fortalecimento da unidade econômica, entre o proletariado, o campesinato e as

demais classes exploradas pelo capital. Defende a direção política da classe proletária, que deve estar à frente dos processos produtivos da produção agrária e indústria urbana.

Demonstra da mesma forma, a necessidade de superação do senso comum e dos preconceitos, na condução “intelectual e moral” do processo revolucionário. Para Gramsci a hegemonia não se dava apenas no plano político e econômico, mas também no moral e cultural.

Considerações

Conforme exposto acima, entendemos a importância da “questão meridional” para Gramsci, encontrando nesta, uma situação concreta para a formação hegemônica do campesinato do sul da Itália junto ao proletariado industrial.

Vimos que o desenvolvimento econômico na Itália deu-se de maneira desigual, criando um Norte desenvolvido industrialmente, e um Sul em condições quase feudais.

Fugindo ao senso comum, Gramsci atenta para a importância do campesinato para que as classes subalternas estivessem unidas, contra a classe opressora, e fosse possível, e só desta forma, ter na Itália uma hegemonia do proletariado que fizesse frente para realizar a revolução.

Para isso, era preciso romper com o preconceito que a classe dominante criava e reforçava com relação ao Sul. Era preciso olhar para as particularidades da formação das regiões italianas, e encontrar nestes povos, no estopim de suas revoltas, o germe revolucionário. Gramsci percebia a necessidade de demonstrar a cada oprimido, que a razão de sua opressão estava tanto no sistema político-econômico capitalista do latifúndio do

Sul, quanto na burguesia industrial do Norte.

Dentro desta problemática, o proletariado deveria convencer o campesinato, e as demais frações de classe, sobre a superioridade do seu programa revolucionário, criando as condições objetivas e subjetivas para a incorporação destas classes na luta contra o capital.

Por fim, concluímos que a ideia de revolução em Gramsci não era fazer uma simples cópia do que havia ocorrido em outros países. Mas, antes, fazer um profundo estudo das necessidades e das particularidades de cada classe. Compreender sua formação, sua subjetividade. Transformar esta subjetividade em elemento aglutinador das diferenças. Este elemento comum cria a unidade que torna possível a execução de um projeto hegemônico do proletariado para a construção da revolução comunista.

Referências

CARPEAUX, Otto Maria. **A vida de Gramsci**. Disponível em:

<<http://laurocampos.org.br/2008/02/a-vida-de-gramsci/>>. Acesso em: 17 jul 2014.

COUTINHO, Carlos Nelson. Socialismo e democracia: a atualidade de Gramsci. In: AGGIO, Alberto, org. **Gramsci a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: Unesp, 1998.

DEL ROIO, Marcos. Gramsci contra o ocidente. In: AGGIO, Alberto, org. **Gramsci a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: Unesp, 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6v.1999-2004.

_____. **Escritos políticos (1921-1926)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAESTRI, Mario e CANDEVRA, Luigi. **Antonio Gramsci: Vida e obra de um comunista revolucionário**. 2ª ed. rev e ampl. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Recebido em 2014-12-18
Publicado em 2015-10-14